



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

A capital desencontrada: um olhar sobre o espaço urbano de Brasília

JULIO SALABERT DE QUEIROZ

Brasília

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

A capital desencontrada: um olhar sobre o espaço urbano de Brasília

Autor: Julio Salabert de Queiroz

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Haydée Glória Cruz Caruso

Brasília

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

A capital desencontrada: um olhar sobre o espaço urbano de Brasília

Julio Salabert de Queiroz

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Haydée Glória Cruz Caruso

Coorientador: Dr. Yacine Guellati

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Haydée Glória Cruz Caruso (SOL/UnB – Presidente)

Prof.^a Dr.^a Christiane Machado Coêlho (SOL/ UnB)

Dedico este trabalho ao meu querido avô Jaime, que viveu e amou verdadeiramente Brasília.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a todos que me acompanharam e me trouxeram inspiração ao longo da minha caminhada pessoal e acadêmica.

Agradeço aos meus pais, que sempre incentivaram o meu estudo e proporcionaram um ambiente de diálogo e debate cultural.

Agradeço ao meu irmão Guilherme pelo seu companheirismo e amizade.

Agradeço a todos os meus amigos que compartilharam bons e maus momentos comigo.

Agradeço às professoras Haydée Caruso e Mariza Veloso por serem minhas grandes referências enquanto docentes da UnB, me inspirando profundamente na realização deste trabalho.

Agradeço ao meu coorientador Yacine Guellati pela paciência e por todos os ensinamentos que me passou durante a realização deste trabalho.

Agradeço à minha namorada Aline Lucena pelo apoio e compreensão em dias desafiantes. Agradeço por tornar esses dias mais leves.

Agradeço à Universidade de Brasília por me proporcionar viver um sonho.

RESUMO

A cidade de Brasília representou dentro do cenário brasileiro uma grande tentativa de ruptura e superação de processos sócio-históricos que afetavam o desenvolvimento do país e não permitiam a consolidação do projeto de modernização nacional. A construção da nova capital mobilizou forças diversas, e a arquitetura modernista se consolidou enquanto estética dominante da cidade, definindo os traçados urbanos de uma metrópole marcada desde o princípio por uma realidade de segregação socioespacial e dependências das periferias com a região do Plano Piloto.

O objetivo deste trabalho é lançar um olhar sobre o espaço urbano de Brasília por meio de um enfoque na temática da segregação urbana e das percepções e representações individuais e coletivas acerca da capital. Brasília é uma cidade que carrega um valor simbólico enorme, e a sua realidade social desigual contribui para que muitos de seus espaços sejam ocupados e significados de maneira muito diversa por seus agentes. Entender as motivações que contribuíram para a formação de uma cidade segregada é de extrema importância para pensar perspectivas de enfrentamento e superação de conjunturas adversas.

Por meio de um trabalho de revisão bibliográfica, dedico-me num primeiro momento da minha obra a traçar um panorama histórico do desenvolvimento urbano de Brasília. Na sequência do texto, busco analisar a produção acadêmica mais recente sobre a temática urbana em Brasília. Por meio de uma análise bibliométrica de monografias, teses e dissertações produzidas pelos departamentos de sociologia e antropologia da Universidade de Brasília entre os anos de 2006 e 2021, procuro investigar de que maneira se apresentam as perspectivas teóricas e metodológicas dentro do campo de estudo urbano nas ciências sociais.

Palavras-chave: segregação; Brasília; urbanismo; espaço urbano; modernismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Membros da Missão Cruls na Lagoa Feia, em Formosa – GO. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.....	16
Figura 2 - Engenheiro Balduino Ernesto de Almeida posa ao lado da pedra fundamental. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.....	17
Figura 3 - Intensa movimentação na Cidade Livre, no ano de 1960. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.....	19
Figura 4 - Materiais de pessoas em situação de rua em frente à Igrejinha Nossa Senhora de Fátima. Esta igreja é um cartão postal de Brasília e se localiza ao lado da 308 sul, considerada a quadra modelo do Plano Piloto. Fonte: Metrôpoles.....	22
Figura 5 - Nuvem de palavras construída com base nos “assuntos” dos trabalhos selecionados na Primeira Etapa	26
Figura 6 - Nuvem de palavras construída com base nos “assuntos” dos trabalhos selecionados na Segunda Etapa	26
Figura 7 - Nuvem de palavras construída com base nas palavras-chave dos trabalhos em análise	28
Figura 8 - Nuvem de palavras construída com base nas Regiões Administrativas mencionadas nos trabalhos em análise.....	29
Figura 9 - Nuvem de palavras construídas com base nas principais referências teóricas empregadas nos trabalhos em análise.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ano de defesa dos trabalhos em análise	27
---	----

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE GRÁFICOS	8
PRÓLOGO	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - PENSANDO O DESENVOLVIMENTO URBANO DE BRASÍLIA	16
1.1. ANTECEDENTES.....	16
1.2. PERÍODO DA CONSTRUÇÃO	18
1.3. PENSANDO A REALIDADE URBANA DE BRASÍLIA	20
CAPÍTULO II – METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS	24
2.1. METODOLOGIA.....	24
2.2. FORMULÁRIO DE ANÁLISE DOS TEXTOS.....	27
CAPÍTULO III – PENSANDO PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS URBANOS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
ANEXO A – FORMULÁRIO DE ANÁLISE DOS TEXTOS	38

PRÓLOGO

Brasília sempre soou para mim como algo muito natural. Criado no Plano Piloto, foi em Brasília que tive os meus primeiros contatos com o espaço urbano – categoria que usaremos aqui para tratar da esfera onde se desenvolvem as relações e práticas sociais urbanas, englobando tanto uma perspectiva física como simbólica dos diversos locais das cidades. Brasília enquanto cidade não me gerava muito estranhamento, mas um certo fascínio. Os amplos espaços, as superquadras, o Eixão e o Eixinho. Tudo aquilo me parecia muito correto para uma cidade. Conforme se passaram os anos a minha percepção sobre Brasília amadureceu junto comigo. O espaço que parecia perfeito passou a apresentar defeitos, como há de ser.

Brasília me mostrou as suas garras, mas ainda tem para mim algo de muito familiar. Certamente a cidade carrega uma forte marca do que *deveria ter sido* ou *poderia ter sido*, mas desenvolve cada vez mais uma identidade cultural local, que vive e significa espaços e constrói uma história. Muitas vezes ao me deparar com algumas ruas ou entrequadras em Brasília, penso em relatos dos meus pais, ambos moradores da cidade nas décadas de 1960 e 1970. A “pérola do cerrado” parecia muitas vezes monótona e tediosa, mas havia ali uma apropriação do espaço e uma relação interpessoal que me chama atenção. Me parece que o confronto entre as primeiras gerações do Plano Piloto e o modelo urbano de Brasília proporcionou – naqueles primeiros tempos – um senso comunitário diferente do observado hoje, talvez como uma reação coletiva a uma cidade consideravelmente vazia, com pouca disposição de serviços de lazer e cultura.

Este contraste entre o presente e o passado nem tão distante de Brasília me chama atenção, pois é muito vivo em seu espaço. Ruas que hoje são “apenas ruas” foram palco de *rachas*¹ históricos nos primórdios da cidade. Estabelecimentos decadentes ou até mesmo encerrados, vivos apenas na memória de seus frequentadores, foram o palco de ação de outra juventude, que assim como os *candangos* e *pioneiros*, também tiveram o seu papel desbravador na nova capital.

¹ Racha: corrida automotiva ilegal praticada em vias urbanas

Brasília passou por processos que a tornaram uma cidade socialmente excludente e psicologicamente “fria” ou “pouco acolhedora”. Mas não concordo com que diga que é uma cidade “morta”. Brasília é viva e vivida, e a sua história está impressa em cada concreto da cidade.

INTRODUÇÃO

A cidade de Brasília constituiu-se como um dos mais importantes empreendimentos urbanos do século XXI, carregando em seu seio um enorme valor simbólico dentro do projeto de modernização nacional preconizado pelo Estado brasileiro nas décadas de 1950 e 1960. Muitas foram as motivações por trás da construção de uma nova capital do país, incrustada no estado de Goiás, nos distantes e pouco habitados sertões do Planalto Central do Brasil, e me parece a mais interessante delas a tentativa de criar-se uma nova realidade social a partir do inovador e utópico projeto urbanístico de Brasília, que prometia uma maior integração entre os diferentes grupos sociais e um acesso mais igualitário à estrutura de educação, lazer e saúde na cidade. É como se Brasília, simbolicamente, tomasse a frente de um grande projeto de transformação nacional.

Pensar o fenômeno urbano em qualquer grande centro passa em grande medida por compreender a forma como o projeto urbano – e conseqüentemente a arquitetura que lhe dá corpo – se relaciona com a vida cotidiana das pessoas que ali vivem e transitam. No caso de Brasília, esta questão aparece de maneira muito forte, pois se trata de uma cidade projetada e pensada como a nova capital do Brasil, um país marcado historicamente pelas desigualdades sociais, mas que passava por um momento de mudanças políticas e econômicas e buscava novas perspectivas e horizontes, sendo Brasília a materialização desta caminhada para o progresso.

O principal responsável pelo desenho urbano de Brasília foi o arquiteto e urbanista Lúcio Costa. Influenciado pelo trabalho desenvolvido por Le Corbusier e pelos princípios modernistas propostos na Carta de Atenas, Lúcio Costa procura criar uma cidade *inédita*, destinada a transformar simbólica e materialmente a nação brasileira. As escalas pensadas por Lúcio Costa (gregária, humana, bucólica e residencial) dariam sentido não apenas à cidade, mas também aos seus habitantes, criando conexões entre o individual e o coletivo, o privado e o público.

Pensada como um centro administrativo que seria habitado pela burocracia estatal e estratos da classe média, Brasília se depara logo em seus primeiros anos com uma série de problemas relacionados à habitação e ocupação irregular

do solo. Massas de imigrantes passam a se assentar em terras controladas pelo Estado, e muitos agentes que se envolveram direta ou indiretamente com o processo de construção da cidade decidem se estabelecer em Brasília, mudando as ideias inicialmente pensadas pelos dirigentes da capital.

O surgimento precoce das cidades-satélites evidencia não apenas uma falta de planejamento eficiente no ordenamento urbano de Brasília, mas um projeto institucional de segregação socioespacial e limpeza racial no centro da cidade. Conforme apresentado por Santarém (2014), os lugares identitários do candango e do pioneiro são marcados fortemente pela raça. O candango, trabalhador braçal da construção civil, majoritariamente preto e mestiço, foi alocado nas regiões periféricas, enquanto o seu par, composto principalmente por sujeitos brancos, encarregados de funções administrativas, ocupou a região central da cidade.

Essa distribuição desigual do espaço gerou uma série de conflitos ao longo dos anos, evidenciando uma cidade segregada, que concentra em sua região central a melhor infraestrutura e as principais ofertas de serviços e empregos. Isso contribui não apenas para uma relação de dependência da periferia com o centro, mas também para uma série de conflitos identitários acerca da ocupação dos espaços da cidade. Neste sentido a mudança de nome das “cidades-satélites” para “Regiões Administrativas”, na gestão de Cristovam Buarque, me chama muita atenção, na medida em que é uma tentativa por parte das autoridades de reduzir o estigma destes locais pela simples mudança de sua nomenclatura oficial. É como se Estado reconhecesse a centralidade do Plano Piloto, mas tentasse negar o valor simbólico da segregação em Brasília, os quais são exatamente os “satélites”, os corpos menores que orbitam um astro luminoso sob potentes forças de atração.

Desta maneira, ao longo deste trabalho irei me referir a “Brasília” como a totalidade do Distrito Federal, e não apenas o Plano Piloto e Regiões Administrativas adjacentes (Lago Norte, Lago Sul, Cruzeiro, Sudoeste e Noroeste). Faço isso pois um dos meus objetivos é observar alguns aspectos das relações centro-periferia em Brasília – a capital modernista, revolucionária e vanguardista em seus princípios. Excluir as demais Regiões Administrativas da

categoria de “Brasília” seria pensar a cidade apenas como a sua parte “ideal”, excluindo os núcleos que fugiram do planejamento original. A cidade deve ser pensada enquanto um todo. Um todo que é completo, mas desproporcional. É heterogêneo.

Pensar Brasília passa, em grande medida, por melhor compreender a forma como os seus agentes sociais representam e se comunicam com a dimensão modernista do Plano Piloto, que se impõe de maneira simbólica e prática sobre inúmeros indivíduos que entram em contato com o centro da cidade, precisamente pela atração que ele exerce sobre a periferia. É impossível transitar pelo Plano Piloto e não ser influenciado de alguma maneira pela sua “personalidade” modernista, seja pelos seus prédios e monumentos ou pelo traçado urbano, que atua na significação de lugares e relações. As relações individuais e coletivas com a região central e seus símbolos são bastante variadas (CASTELLO BRANCO, 2009) (PEREIRA, 2012) (JANUZZI, 2021), fruto de relações espaciais conflituosas.

Dito isso, pode-se dizer que Brasília foi fruto de expectativas e interesses diversos quando de sua construção e desenvolvimento urbano, o que contribuiu para um entendimento variado acerca da cidade e sua simbologia. Temos um contraste muito grande entre uma cidade que propôs a redução da desigualdade socioespacial por meio de um projeto urbanístico padronizante e uma metrópole que, ao transformar o espaço do Distrito Federal, experimentou uma pluralidade e desordem social que é marca dos grandes centros urbanos brasileiros do Século XX, característica indesejada pelos projetistas de Brasília, que viam o empreendimento como uma forma de ruptura histórica e social dentro do país (MORAES, 2013).

A partir da compreensão de Brasília como uma cidade plural, vivida e entendida de maneira diversa por seus agentes, me proponho no presente trabalho à atividade de pensar o desenvolvimento urbano local sob uma perspectiva histórica, trazendo à luz alguns dos processos e motivações que guiaram a construção de Brasília e a maneira como a cidade reagiu e se transformou ao longo dos anos. Para tal tarefa abordarei perspectivas já desenvolvidas

anteriormente por outros pensadores do espaço urbano de Brasília, como James Holston e Maria Luíza Peluso.

Para além de promover uma revisão bibliográfica destes e outros autores no Capítulo I, pretendo nos capítulos posteriores desenvolver também uma análise bibliométrica de monografias, dissertações e teses produzidas na Universidade de Brasília, especificamente nos departamentos de Sociologia e Antropologia, que abordem como tema principal em suas pesquisas a questão urbana no Distrito Federal, mais especificamente no Plano Piloto, por se tratar, como discutido anteriormente, do centro administrativo, econômico e simbólico da cidade. Acredito que esta atividade seja de extrema valia na medida em que ajuda a esclarecer alguns rumos que a produção acadêmica sobre o assunto está tomando, tanto em aspectos metodológicos, como nos eixos de análise priorizados pelos autores.

CAPÍTULO I - PENSANDO O DESENVOLVIMENTO URBANO DE BRASÍLIA

1.1. Antecedentes

Os debates acerca da mudança da capital do Brasil para o interior do país são relativamente antigos, datando do período colonial, antes mesmo da substituição de Salvador pelo Rio de Janeiro como centro político da colônia (SCHMIDT apud BOMENY, 1991). A ideia da interiorização ganha ainda mais força com o advento do governo republicano, que prevê na Constituição de 1891 uma área de 14.400 quilômetros quadrados no Planalto Central para a construção da nova capital. Entretanto, até a década de 1950 os esforços relativos à construção da cidade foram tímidos, destacando-se a Missão Cruls (1892 – 1896) – que catalogou aspectos físicos e climáticos da região central do país, além de demarcar a área prevista na Constituição – e a construção da pedra fundamental de Brasília, próxima a Planaltina, em 1922. A partir da Constituição de 1946, que reitera a transferência da capital para o Planalto Central, as movimentações voltam a ganhar força, sendo a construção de fato iniciada no governo de Juscelino Kubitschek, ainda em 1956.

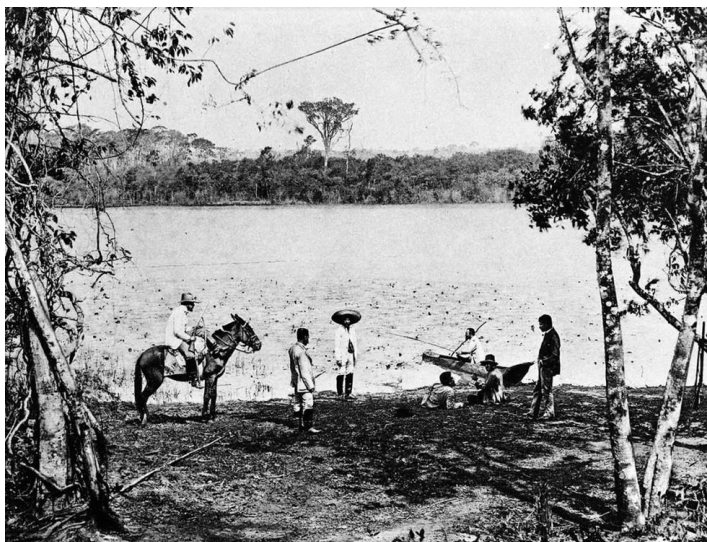


Figura 1 - Membros da Missão Cruls na Lagoa Feia, em Formosa – GO. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



Figura 2 - Engenheiro Balduino Ernesto de Almeida posa ao lado da pedra fundamental. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Um dos primeiros passos em direção ao empreendimento brasiliense foi a escolha do plano urbanístico da nova capital, que ocorreu por meio de um concurso no qual, dentre diversas propostas apresentadas, saiu vencedor o programa de Lúcio Costa. Esta escolha pelo projeto de Lúcio Costa foi certamente um dos pontos mais decisivos para o posterior desenvolvimento urbano de Brasília, moldando seu espaço e influenciando profundamente as experiências vividas pelos indivíduos que por aqui passaram e passam.

Para pensar o projeto urbanístico de Brasília é necessário entender não apenas as referências técnicas e conceituais de seu autor, mas também o que se pretendia histórica e socialmente com a nova capital do Brasil. A arquitetura modernista de Lúcio Costa tinha um teor vanguardista, voltado fortemente para a transformação social a partir de um ordenamento do espaço de forma racional e funcional. O modernismo se apresentava na primeira metade do século XX como um contraponto às crescentes e caóticas metrópoles que se espalhavam pelo globo, e este propósito transformador encontrou eco em setores da política nacional, que, impulsionados pelo processo industrial e conscientes das mazelas

dos grandes centros urbanos brasileiros, especialmente a capital Rio de Janeiro, viram com bons olhos a perspectiva de mudanças.

Além disso, a construção de Brasília possui grande significância dentro do projeto político desenvolvimentista empreendido por Juscelino Kubitschek. A ideologia do desenvolvimentismo enxergava os investimentos públicos nos setores da indústria e infraestrutura como fator decisivo para a modernização e superação de problemas históricos do país. Com a intenção de reduzir gargalos produtivos e modificar o quadro de pobreza social do Brasil, JK estabeleceu o seu Plano de Metas: um conjunto de trinta objetivos a serem cumpridos nos setores de indústria, energia, transporte, alimentação e educação, sendo a fundação de Brasília a meta-síntese deste processo de transformação.

1.2. Período da construção

No período anterior à inauguração da cidade, o Plano Piloto de Brasília era um espaço repleto de acampamentos e canteiros de obras de empreiteiras e da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital – empresa estatal encarregada de gerenciar a construção de Brasília). A população da cidade era predominantemente de homens operários, e como evidencia Ribeiro (1991), o cenário era marcado por uma relação muito forte de dependência entre os trabalhadores e os seus empregadores e por uma organização espacial estratificada, que separava os indivíduos de acordo com as suas funções. Registraram-se episódios de revolta de operários contra as más condições oferecidas nos alojamentos, sendo brutalmente reprimidas pela Guarda Especial de Brasília, truculenta força policial que agia nos primeiros anos da capital.

Enquanto a força de trabalho se concentrava na região central de Brasília, observava-se o rápido desenvolvimento da Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante), localizada a aproximadamente 12 km do Plano Piloto. A Cidade Livre foi pensada como um centro de abastecimento e prestação de serviços de duração provisória, funcionando no período de construção da nova capital, e a experiência desta comunidade foi muito interessante na medida em que oferecia aos operários uma perspectiva de vida social muito mais ampla que a existente dentro dos acampamentos. Sem as restrições de horário e o sentimento de vigilância presentes nos alojamentos, era lá o principal espaço de sociabilidade e lazer de muitos candangos, reunindo salões de beleza, restaurantes e feiras, além de algumas boates, casas de música ao vivo e prostíbulos.

De fato, a Cidade Livre se tornou um considerável foco de atração naquele momento, reunindo em suas imediações uma série de ocupações e barracos. A existência destes precários modelos de habitação, logo no período inicial de Brasília, evidencia a falta de planejamento e preocupação das autoridades com as populações mais empobrecidas que constantemente chegavam à nova capital buscando oportunidades de emprego e condições de vida mais favoráveis. O surgimento das chamadas “invasões” se mostrou um grande

problema para a administração pública, especialmente porque maculava o que era mais caro aos principais atores políticos e intelectuais de Brasília: o ordenamento urbano da cidade, que seria, afinal, a unidade transformadora daquele espaço e o grande diferencial de Brasília frente aos demais centros urbanos brasileiros.



Figura 3 - Intensa movimentação na Cidade Livre, no ano de 1960. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Um dos principais marcos do projeto urbano singular de Brasília seriam as superquadras, pensadas por Lúcio Costa como os conjuntos de habitação que acompanham as duas margens do Eixo Rodoviário de Brasília. As superquadras foram planejadas como um modelo habitacional democrático, capaz de reunir e conciliar diferentes grupos sociais em seu interior. Por meio de um estímulo ao comércio local e a presença de prédios vazados, com estruturas de pilotis no térreo, as quadras de Brasília se propunham a revolucionar a maneira como se vive numa cidade, reduzindo barreiras que se apresentavam solidificadas quase como um esqueleto da sociedade brasileira. A “utopia modernista” da superquadra apresentou contradições logo no período de construção da cidade, abrigando apenas setores mais elitizados da nascente população de Brasília e sendo alvo de invasões de operários e imigrantes que, talvez convencidos pelos discursos oficiais do Presidente da República e dos entusiastas da nova capital, acreditavam que aquele espaço também lhes pertencia.

Neste sentido, ocorre o surgimento de uma das unidades urbanas mais significativas de Brasília: as cidades-satélites (atualmente denominadas Regiões Administrativas). Estes espaços mais ou menos distantes do centro da cidade, serviram para dar vazão aos intensos fluxos de pessoas que chegavam à cidade e tornar o Plano Piloto menos inflado e “favelizado”. Ao mesmo tempo que se constituíram, numa análise elitista e pragmática, como solução para os desprovidos e indesejados, as cidades-satélites representaram, em muitos casos, grandes vitórias para os grupos que batalharam pelo direito à moradia. A primeira cidade-satélite, Taguatinga, surge ainda em 1958, dois anos antes da inauguração oficial de Brasília. Fruto da reivindicação de moradores da Vila Sarah Kubitschek, área invadida ao lado da Cidade Livre, Taguatinga comprovou que o problema da habitação estava longe de ser solucionado em Brasília: a cidade-satélite oferecia serviços urbanos precários e poucas oportunidades de trabalho, evidenciando uma estrutura urbana marcada pela forte relação de dependência das periferias com o Plano Piloto de Brasília. A oferta de lotes seguiu critérios que excluíram grande parte dos requerentes, contribuindo para o surgimento de novas invasões logo nos primeiros dias de Taguatinga, situação que se repetiu no desenvolvimento de cidades-satélites posteriores (BICALHO DE SOUSA et al., 1996).

O problema das invasões era tão grande nos primeiros anos da capital que durante a gestão do governador Hélio Prates, em 1971, foi criada a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), que tinha como objetivo promover a remoção forçada das milhares de pessoas em situação de pobreza que viviam nos diversos agrupamentos espalhados pela cidade. Este processo foi violento e repressivo, sendo uma das principais marcas do autoritarismo do regime militar em Brasília. Todas as famílias removidas foram transferidas para uma nova cidade-satélite que recebeu o nome de Ceilândia, inspirado pela sigla CEI. A populosa cidade nascia carregando o estigma da segregação em seu nome, evidenciando o cenário de desigualdade da nova capital.

A Brasília do período anterior à inauguração é famosa por um revigorante clima de pioneirismo e uma série de histórias e casos considerados pitorescos, mas também pelo início de um processo de exclusão e segregação socioespacial acentuado, não sendo raras as ocorrências de remoções forçadas e ações truculentas por parte dos órgãos da segurança pública. Esta realidade foi acentuada e tomou novos contornos com o ulterior desenvolvimento da cidade, como procuro discutir na próxima seção.

1.3. Pensando a realidade urbana de Brasília

Brasília surge então como um empreendimento monumental, capaz por meio de seu traçado urbano modernista de subverter e transformar a realidade social do Brasil. Peluso (2003) aborda uma questão muito interessante na constituição de Brasília que se relaciona com o mito de origem da cidade. Para além dos benefícios práticos que a construção de uma capital na região central do país

poderia proporcionar, como uma maior integração e desenvolvimento econômico do interior, Brasília surge sob uma projeção mítica, na medida em que se pretendia negar naquele espaço todo um cenário de sociedade desigual que se apresentava historicamente no Brasil – e que exibia agora novos aspectos e facetas em decorrência do processo de modernização do país e de um cenário internacional marcado pela bipolarização política.

Parte desta aura mítica começa a ruir na medida em que as contradições espaciais da cidade de Brasília começam a se tornar mais claras. O poder público se apresentou desde o princípio como o grande proprietário e controlador de terras no Distrito Federal, sendo naturalmente o grande promotor das políticas habitacionais e de integração dentro deste território. A segregação e a desigualdade socioespacial se manifestam em grande parte como o fruto desta posição dual do Estado em relação ao espaço do Distrito Federal: por um lado a administração pública é a responsável pela criação de condições democráticas para a ocupação da cidade, e por outro ela própria é um dos principais agentes fundiários e promotores de especulação imobiliária na capital.

Essa situação gerou um problema histórico e crônico em relação à regularização de terras no Distrito Federal. A oferta de terrenos e as políticas de habitação promovidas pelos órgãos públicos ocorreram muitas vezes de maneira desordenada e quase sempre pautadas pelo interesse imobiliário, o que contribuiu fortemente para o surgimento de invasões em diversos pontos do DF. Além disso, a má implementação de infraestrutura e rede urbana em várias Regiões Administrativas acabou por gerar um forte cenário de precarização habitacional e desigualdade social destes locais em relação ao Plano Piloto.

De fato, a concepção de habitação democrática e integrante em Brasília é praticamente uma utopia natimorta. Como evidencia Holston (1993), o que se observou desde os primórdios da capital foi uma “cidade desfamiliarizada”, cujos habitantes em grande parte não se adaptaram à proposta social sugerida pelo projeto urbanístico modernista de Lúcio Costa e de certo modo até a rejeitaram. A falha dos ideais de comércio local e das superquadras enquanto núcleos de coabitação e convivência entre diferentes classes sociais não é um acaso, mas sim uma consequência da realidade social brasileira. O fracasso da “cidade sem

ruas” se dá em grande parte em razão desta cidade ser o lar de uma sociedade que não apenas estava despreparada para as mudanças sugeridas pelo plano urbanístico de Brasília, mas também desinteressada por elas.

Essa falha dentro da perspectiva democrática e integradora do projeto urbano de Brasília pode ser compreendida sob a perspectivas das representações sociais construídas acerca da cidade. Moscovici (2003) entende as representações sociais enquanto um importante conjunto de imagens e ideias coletivas que agem sobre um grupo de pessoas, influenciando as suas identidades e experiências. Estas representações sociais são responsáveis por criar comunicações entre o indivíduo e a sociedade e entre grupos sociais menores, influenciando a formação de valores e julgamentos em relação ao mundo que os cerca. Pensar o fracasso de algumas expectativas modernistas sobre Brasília passa em grande medida por entender que a cidade foi formada por indivíduos que estavam inseridos num contexto sociohistórico conflituoso: por um lado uma grande população empobrecida procurava acessar os espaços centrais da cidade, enquanto as classes médias e altas que habitavam essa região buscavam frear avanços que comprometessem o seu *status quo*. A utopia de Brasília não se concretizou em grande medida pois nunca houve um cenário de harmonia social que a tornasse possível.

Talvez o principal agravante da desigualdade socioespacial observada no Distrito Federal seja a grande concentração de empregos e serviços na região do Plano Piloto. Isso gera não apenas uma atração, mas uma forte dependência entre periferia e centro. A distância física entre muitas das Regiões Administrativas e o Plano Piloto se apresenta como um entrave para o desenvolvimento harmônico de Brasília, afetando a mobilidade urbana da cidade e as condições de vida dos indivíduos que diariamente enfrentam longas jornadas no ineficiente e dispendioso transporte público da capital.

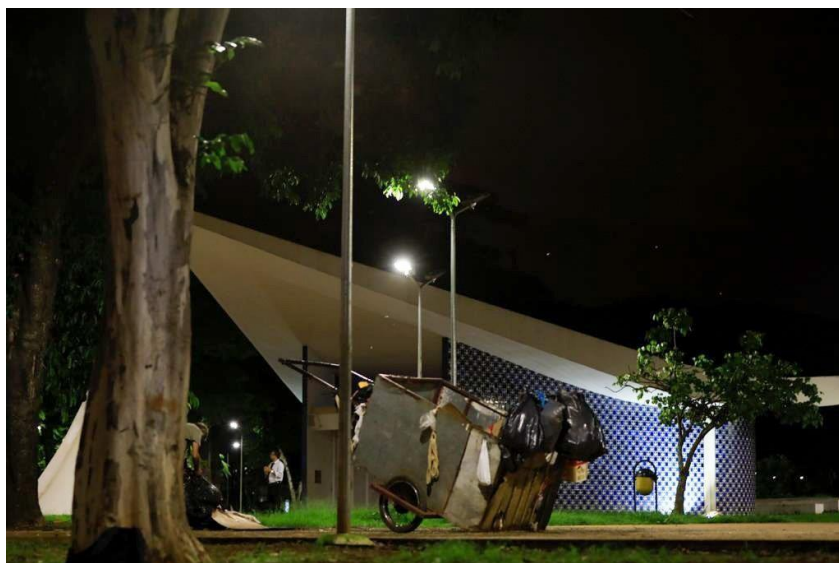


Figura 4 - Materiais de pessoas em situação de rua em frente à Igreja Nossa Senhora de Fátima. Esta igreja é um cartão postal de Brasília e se localiza ao lado da 308 sul, considerada a quadra modelo do Plano Piloto.
Fonte: Metrôpoles

Desta maneira, Brasília foi tradicionalmente marcada por relações difusas entre o centro e as áreas periféricas. As Regiões Administrativas muitas vezes são caracterizadas por uma maior efervescência social e cultural em relação ao Plano Piloto, muito definido pela imponente simbólica do poder estatal e por um tom um tanto ascético, sendo menos comuns as manifestações de cultura popular na região central da cidade, podendo-se destacar neste aspecto o Grupo

Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, importante criador e promotor de uma cultura folclórica do cerrado, nascida e desenvolvida na capital. Muitas vezes os signos de Brasília são entendidos de maneiras muito distintas pelos vários habitantes de Brasília. Talvez muitos cidadãos de Planaltina, culturalmente, se identifiquem mais com a Festa do Divino Espírito Santo celebrada nesta cidade do que com a arquitetura modernista presente no Plano Piloto.

Transpassado o empenho inicial na atividade de examinar alguns aspectos da realidade socioespacial da cidade de Brasília, nos dedicaremos no próximo capítulo a analisar parte da bibliografia produzida na Universidade de Brasília acerca deste importante assunto.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

2.1. Metodologia

Uma das etapas da minha pesquisa consistiu em promover um estudo sobre a produção acadêmica mais recente acerca do espaço urbano de Brasília, pensando de maneira mais específica as relações entre o ordenamento urbano modernista da cidade e os seus agentes – as suas representações acerca do espaço, as relações desiguais entre a região central e as periferias. Como uma forma de delimitar a minha pesquisa, optei por voltar a minha atenção para os trabalhos de monografia, dissertação e tese produzidos nos últimos anos na Universidade de Brasília. Considerei a seleção destes textos adequada, pois se trata de uma produção acadêmica de qualidade que permite ao leitor deparar-se com olhares, abordagens e metodologias muito variadas acerca de um determinado assunto, ainda mais por tratarem-se de trabalhos de graduação e pós-graduação, o que implica níveis diferentes de aprofundamento teórico.

Com o intuito de reunir a bibliografia necessária para a minha pesquisa, voltei-me para o Repositório Institucional da UnB (RIUnB) – onde estão catalogadas de modo digital as dissertações e teses defendidas desde 2006 – e para a Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM) – que reúne as monografias produzidas desde 2009. A partir da busca por algumas palavras-chave como “modernismo” e “planejamento urbano”, entrei em contato com uma série de trabalhos muito interessantes de alguns departamentos da UnB, especialmente os departamentos de história e geografia e a Faculdade de Arquitetura e Modernismo, que lidera de forma absoluta os trabalhos vinculados a essas buscas. Entretanto, como não seria possível lidar com uma amostragem tão extensa e abrangente, decidi reduzir o escopo da minha análise para as pesquisas produzidas pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS). O ICS é composto por três departamentos, o Departamento de Sociologia (SOL), o Departamento de Antropologia (DAN) e o Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA).

Eu decidi realizar a seleção dos textos por meio de duas etapas: na Primeira Etapa seriam reunidos, a partir de uma análise do título, do resumo e dos “**assuntos**”, os trabalhos que de alguma maneira dialogassem com as questões

que eu buscava tratar na minha pesquisa. Na Segunda Etapa, eu busquei filtrar, a partir de um exame da introdução e conclusão, os textos que realmente se encaixassem no meu objeto. Desta maneira, tivemos uma Primeira Etapa que reuniu **10 monografias, 11 dissertações e 5 teses**. A partir daí, reduzi, na Segunda Etapa, os trabalhos para a ordem de **2 monografias, 3 dissertações e 1 tese**, que foram as obras analisadas de maneira mais profunda. No total foram 4 trabalhos produzidos pelo Departamento de Sociologia e 2 trabalhos produzidos pelo Departamento de Antropologia. Nenhum texto do Departamento de Estudos Latino-Americanos foi selecionado para a pesquisa.

Algo que me interessou bastante foi a categoria de “**assuntos**”, que acompanha cada um dos textos do RIUnB e da BDM. Esta categoria tem a função de reunir os textos mediante palavras-chave que se relacionem com os seus conteúdos. Entretanto, estas palavras-chave não são selecionadas pelo autor do trabalho, e sim pela equipe do acervo digital. Acredito que essa relação entre as palavras-chave selecionadas pelos autores dentro das suas obras e as palavras-chave pelas quais estão sendo categorizados os seus textos nos acervos digitais pode ser uma questão com potencial de ser melhor explorada em tarefas futuras, mas no atual momento limito-me a apresentar uma nuvem de palavras que identifica os principais “**assuntos**” dos textos da Primeira Etapa e da Segunda Etapa, para efeito de comparação. Nas nuvens de palavras, os termos expressos com letras maiores são os que apareceram com mais frequência dentro da amostra total. Ao longo do texto utilizaremos outras nuvens de palavras e gráficos para trazer alguns dados de maneira mais ilustrativa.



Figura 5 - Nuvem de palavras construída com base nos “assuntos” dos trabalhos selecionados na Primeira Etapa.



Figura 6 - Nuvem de palavras construída com base nos “assuntos” dos trabalhos selecionados na Segunda Etapa.

A fim de reunir tanto dados quantitativos quanto qualitativos em minha pesquisa, optei pela metodologia de análise bibliométrica dos textos. A análise bibliométrica é uma técnica de pesquisa que consiste em sistematizar algumas informações das obras estudadas com o objetivo de melhor compreender as correlações existentes entre elas, além de exibir alguns padrões que se verificam dentro do conjunto de textos, como o período de publicação e área de conhecimento. Parte

dos meus esforços consistiu na elaboração de um formulário de perguntas que guiou a leitura dos trabalhos, auxiliando-me na tarefa de reunir e organizar os dados quantitativos e promover uma análise mais minuciosa de alguns aspectos teóricos e metodológicos que me interessavam. Ao longo das próximas páginas procuro apresentar alguns dados que me chamaram atenção entre as produções acadêmicas analisadas.

2.2. Formulário de análise dos textos

Para melhor organizar o formulário de análise dos textos (anexo A), optei por subdividi-lo em 04(quatro) seções: na primeira seção – **identificação** – foram catalogadas as referências bibliográficas dos trabalhos, que não merecem um exame especial agora. Adentrando na segunda seção – **sobre a produção acadêmica** – nos deparamos com algumas informações relevantes para o nosso estudo. Através da análise da data de defesa dos trabalhos é possível notar um período de concentração das produções – entre 2011 e 2013 – com vastos anos sem atividade nos períodos posterior e subsequente, como indica o gráfico abaixo.

Ano de defesa
6 respostas

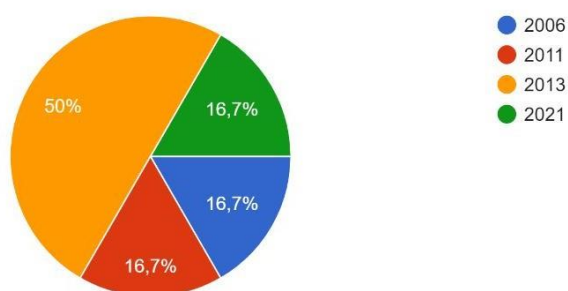


Gráfico 1 - Ano de defesa dos trabalhos em análise

Outro elemento que chama atenção nesta seção se refere à escolha das palavras-chave dos textos pelos seus autores. Acredito que esta informação seja um tanto valiosa pensando a produção acadêmica de forma geral. As palavras-chave são um dos meios de comunicação mais eficazes entre o autor e

potenciais leitores, além de ser um espaço de direcionamento e delimitação teórica do escritor.



Figura 7 - Nuvem de palavras construída com base nas palavras-chave dos trabalhos em análise.

Observar a Figura 7 é interessante pois, após a leitura de cada um dos textos, fica muito evidente a maneira como as palavras-chave indicam muito do que o autor julga importante em sua obra, de formas que, no meio de textos muitas vezes densos e extensos, o leitor passa despercebido, procurando significados e conexões em outros pontos da obra. Curioso notar que as dissertações mais antigas (CASTELLO BRANCO, 2009) (COUTO, 2013) não dispõem de palavras-chave, talvez por não se apresentarem naquele momento como regras que são na produção atual.

Para finalizar a segunda seção, cabe comentar brevemente os resultados aferidos da pergunta: “Quais são as estratégias e metodologias utilizadas na pesquisa?”. Através dessa pergunta, eu procurei compreender o trajeto de pesquisa dos autores e as ferramentas que eles utilizaram para desenvolver suas reflexões. Entre os 6 textos analisados, a metade deles (uma monografia, uma dissertação e a tese) se valeram de pesquisas etnográficas e entrevistas, promovendo um estudo de certo modo mais interativo e investigativo, enquanto a outra metade baseou os seus trabalhos em revisões bibliográficas

e análises documentais. Um dos muitos exemplos de como um mesmo objeto pode ser estudado sob diferentes perspectivas.

Tendo em vista a grande importância dos dados estatísticos enquanto ferramentas de pesquisa, optei por catalogar na terceira seção – denominada **sobre a sistemática dos dados quantitativos acerca de Brasília** – as variáveis que organizam os dados apresentados nos textos, bem como as instituições responsáveis pela produção desses. Os resultados apontaram que todos os autores se valeram de bases estatísticas em seus estudos, e apesar de bastante variados entre si, foi possível observar que os dados demográficos representavam mais da metade da amostra de estatísticas coletadas. É possível destacar os dados relativos à configuração racial e renda per capita nas Regiões Administrativas, que foram citados em um total de 3 textos diferentes, o que representa a metade dos trabalhos em análise.

Seguimos agora para a quarta e última seção – **sobre a compreensão de Brasília**. Nesta seção busquei analisar quais referenciais teóricos guiaram a pesquisa dos autores, assim como as diferentes dimensões de Brasília que foram destacadas em seus estudos. O primeiro ponto de destaque é suscitado pela pergunta: “Quais Regiões Administrativas são mencionadas no texto?”



Figura 8 - Nuvem de palavras construída com base nas Regiões Administrativas mencionadas nos trabalhos em análise.

Acredito que esta pergunta seja muito importante na medida em que as Regiões Administrativas são categorias essenciais dentro das representações e identidades individuais e coletivas em Brasília. Todos os textos destacam de alguma maneira ou outra a centralidade do Plano Piloto, mas é interessante observar a maneira como as demais RAs são evocadas nas obras. Os dois trabalhos produzidos pelo Departamento de Antropologia propuseram uma abordagem um tanto mais centrífuga, que privilegiou observações particulares sobre alguns espaços específicos e contribuiu para um maior número de menções às Regiões Administrativas nestas obras.

Outra pergunta que julguei importante incluir nesta seção foi a de “quem é ouvido nas compreensões dos sentidos de Brasília?”. Com esta pergunta busquei compreender quais agentes sociais de Brasília expressaram suas percepções e expectativas em relação à cidade dentro das obras dos autores. Naturalmente as pesquisas que envolveram entrevistas e questionários deram voz a uma gama mais variada de indivíduos – como moradores do Plano Piloto e de outras Regiões Administrativas, alunos e responsáveis da rede pública de ensino, trabalhadores do comércio e usuários de transporte público. Mas existe um personagem que se destaca em todos os textos, tecendo impressões e comentários sobre Brasília: Lúcio Costa. O grande idealizador da capital expressou em vários momentos o que esperava da cidade e o que pensava de sua viva criatura.

Ao desenvolver a minha pesquisa, busquei investigar também de que maneira os autores tratavam o desenvolvimento histórico de Brasília, tendo em vista que o surgimento da cidade está altamente relacionado com um contexto político e econômico de modernização e superação histórica do país. A dimensão histórica de Brasília é quase indissociável da cidade em si, de maneira que todos os autores recorrem a abordagens históricas no decorrer de suas obras. Ainda que não fosse o foco principal da maioria dos textos, a perspectiva histórica foi utilizada de maneira acessória ao longo de todos os trabalhos.

Outro ponto que achei importante mapear em meu estudo diz respeito às referências teóricas empregadas pelos autores em suas obras. Não busquei trazer aqui todas as referências bibliográficas empregadas, pois essa tarefa seria

exaustiva e pouco produtiva. Por outro lado, procurei incluir em minha amostra somente nomes que tiveram mais relevância dentro das narrativas teóricas dos autores. James Holston, por exemplo, é citado na totalidade das obras que foram analisadas, mas não exerce papel proeminente em todas elas – tendo ainda assim posição de destaque. Acredito que Lúcio Costa transite entre as categorias de “agente social de Brasília” e “referência teórica”, mas optei por mantê-lo na primeira, pois acredito que exerceu neste papel influencia mais significativa que na segunda, atuando diretamente no ordenamento da cidade.



Figura 9 - Nuvem de palavras construídas com base nas principais referências teóricas empregadas nos trabalhos em análise.

De uma maneira um pouco relacionada com o que foi dito anteriormente, propus em meu formulário a pergunta: “A partir de qual perspectiva teórica o autor pensa a cidade?”. Eu procurei com este questionamento verificar se, de alguma maneira, os autores buscavam apoiar-se teórica e/ ou metodologicamente em alguma categoria, ou conceito como algo norteador em suas pesquisas. Acredito que tenha sido possível verificar este fenômeno nas duas monografias analisadas. Enquanto Pereira (2011) tem a perspectiva de *representações sociais* de Serge Moscovici como ponto central em seu estudo, Moraes (2013) aplica o conceito de *práticas* de Louis Althusser para fazer toda a sua análise sobre as transformações do espaço urbano de Brasília.

Para finalizar a última seção do formulário de análise, a questão proposta foi: “Quais os principais eixos de análise do autor a respeito do espaço urbano de Brasília?”. Com esta pergunta final, procurei identificar os principais objetivos do texto e as principais ferramentas utilizadas pelos autores para atingir tais objetivos. De certo modo, as respostas para essa pergunta apresentaram-se como pequenas sínteses dos textos abordados, proporcionando um parâmetro de comparação entre aspectos subjetivos e individuais das obras em questão.

Ao longo deste capítulo busquei expor alguns dos pontos interessantes que tive a oportunidade de observar durante o meu trajeto de pesquisa. Naturalmente existem limitações ao tratar de assuntos tão complexos por meio de categorias rígidas, mas acredito que todo este esforço tenha sido bastante positivo, podendo ser replicado e adaptado para estudos futuros. No próximo capítulo, procuro apresentar uma breve avaliação dos resultados verificados até este momento.

CAPÍTULO III – PENSANDO PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS URBANOS

De um modo geral, os resultados observados no capítulo anterior apresentaram-se de maneira bastante satisfatória. A amostra de textos coletada conseguiu oferecer análises que em vários momentos se complementaram, e o trajeto de pesquisa me colocou em contato com várias maneiras de se fazer o trabalho sociológico e outras tantas perspectivas de análise e interpretação do espaço de Brasília. Seria muito difícil falar de “falta” de conteúdo ou de abrangência dentro dos textos trabalhados aqui. Para o escopo que eu me propus, os textos cumpriram o que era esperado. Outras temáticas que eu acho muito importantes para pensar o espaço urbano de Brasília, como a questão do mercado de trabalho e da mobilidade urbana na cidade, tiveram de ser deixadas de lado nesse estudo, podendo vir a ser explorada com mais dedicação em oportunidades futuras.

Por outro lado, alguns dados geraram-me certa preocupação. O gráfico de distribuição temporal dos textos indica uma grande descontinuidade na produção destes tipos de trabalho acadêmicos dentro dos departamentos do Instituto de Ciências Sociais. É muito importante para o desenvolvimento dos estudos urbanos que estes trabalhos tenham uma sequência mais constante, pois isso promove uma maior conexão entre os textos, sendo possível pensar a formulação de objetivos coletivos, que podem ser explorados de forma complementar pelos estudantes de ciências sociais. Para que o interesse teórico pelo espaço urbano se mantenha vivo, é necessário que o assunto continue aparecendo de maneira constante enquanto componente dos cursos de graduação, fortalecendo cada vez mais a comunidade de estudiosos do tema.

Ainda que apresentassem focos específicos bastantes diversos, os textos analisados apresentam uma certa afinidade teórica na maneira de encarar o processo histórico da cidade e alguns sentidos que a arquitetura modernista age sobre os agentes sociais da cidade. Por um lado, eles enxergam esta dimensão modernista de Brasília como algo bastante significativo de um ponto de vista simbólico e prático, apresentando-se como um fator exterior e coercitivo na vida de indivíduos e grupos. Por outro lado, eles se voltam muito para a perspectiva histórica de Brasília como a nova capital, que fora incumbida da missão de

modernizar o país e inaugurar uma nova era de progresso no Brasil. Acredito que neste sentido eles corroborem com a minha ideia de Brasília enquanto uma cidade “desencontrada”: uma cidade, que foi pensada sob um viés de transformações e grandes mudanças, mas nunca encontrou condições sociais, econômicas e políticas para desenvolver-se no sentido que foi pensada por alguns de seus idealizadores e dirigentes.

Acredito que os estudos urbanos tenham um potencial de crescimento muito grande, e parte do seu desenvolvimento se dará por meio da interdisciplinaridade. Ao longo do caminho de pesquisa me deparei com uma série de obras de outras áreas de conhecimento que me chamaram muita atenção, e em outro contexto poderiam ter contribuído de forma mais contundente para o meu estudo. De qualquer maneira, abordar o espaço urbano de Brasília sob uma perspectiva mais transversal pode ser uma boa alternativa para investigações que eu venha a desenvolver no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, dedicamo-nos a explorar um pouco do espaço urbano de Brasília, assim como a sua construção histórica e as diferentes representações sociais associadas à cidade. Na primeira parte do trabalho, procuramos examinar com mais atenção a formação histórica de Brasília, pensando motivações e expectativas que fomentaram a ação dos diversos agentes sociais que contribuíram para a construção e posterior desenvolvimento da cidade. Ao tratar do espaço urbano de Brasília, procuramos explorar as formas como se desenvolvem as relações centro – periferia na capital, marcada por uma forte segregação socioespacial e concentração de ofertas de serviços e empregos na região do Plano Piloto. Na segunda parte desta obra, buscamos explorar a produção acadêmica mais recente acerca da temática. Para tal tarefa, promovi um estudo de análise bibliométrica de 2 monografias, 3 dissertações e 1 tese produzidas pelos departamentos de sociologia e antropologia da Universidade de Brasília no período de 2006 a 2021. Após um processo de seleção dos textos disponíveis nos acervos digitais da UnB, preparei um formulário de perguntas que me auxiliou como um protocolo de análise para os trabalhos que seriam analisados.

O resultado do estudo foi bastante interessante, sendo possível analisar uma série de fenômenos urbanos da cidade, além disso, através da revisão bibliométrica dos trabalhos acadêmicos, tivemos a oportunidade de investigar uma gama variada de metodologias e perspectivas teóricas abordadas por outros autores na compreensão de Brasília, sendo possível observar resultados que muitas vezes se complementam, o que indica que existe uma comunicação entre os textos e seus escritores. Os estudos urbanos têm o potencial de experimentar grandes desenvolvimentos dentro de sua área, mas para isso é necessário um trabalho continuado e que valorize perspectivas epistemológicas interdisciplinares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICALHO DE SOUSA, Nair Heloísa e MACHADO, Maria Salete Kern e JACCOUD, Luciana. **Taguatinga: uma história candanga**. PAVIANI, A. (Org.). Brasília, moradia e exclusão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

BOMENY, Helena. **Utopias de cidade: as capitais do modernismo**. GOMES, A. DE C. (Org.). O Brasil de JK. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

CASTELLO BRANCO, Maria Cecília Campos. **Brasília: narrativas urbanas**. 2009. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

COUTO, Bruno Gontyjo Do. **Ideologia e utopia de Brasília: disputas em torno do projeto de Brasil moderno**. 2013. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JANUZZI, Vinicius Prado. **Em Brasília, as superquadras Vida cotidiana, escolas e segregação no espaço urbano da capital modernista**. 2021. Tese – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MORAES, Leandro Leal. **Do preto-e-branco papel à aquarela impura do tempo: ressignificações da arquitetura modernista na história de Brasília**. 2013. Monografia – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PELUSO, Marília Luíza. **Brasília: do mito ao plano, da cidade sonhada à cidade administrativa**. Revista Espaço e Geografia, v. 6, n. 2, p. 1–29, 2003.

PEREIRA, Lucas. **Representações sociais de Brasília: “os sonhos foram feitos para serem vividos, mas se não forem vividos, valeu a pena terem sido sonhados.”** 2012. Monografia – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Acampamento de grande projeto: uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia**. PAVIANI, A. (Org.). A Conquista da Cidade: Movimentos Populares em Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

SANTARÉM, Paulo Henrique da Silva. **A cidade Brasília (DFE): conflitos sociais e espaciais significados na raça**. 2014. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ANEXO A – Formulário de análise dos textos

Identificação

1. Nome do Texto

2. Referência completa

3. Referência curta

Sobre a produção acadêmica

4. Qual é a área de conhecimento do texto?

Sociologia

Antropologia

5. Tipo de trabalho

Monografia

Dissertação

Tese

6. Quais são os autores?

7. Quem orientou?

8. Quais são as estratégias e metodologias utilizadas na pesquisa?

9. Ano de defesa

2006

2011

2013

2021

10. Ano de publicação

2009

2012

2014

2021

11. Palavras-chave

Sobre a sistemática dos dados quantitativos acerca de Brasília

12. Quem produz os dados quantitativos apresentados no texto?

13. Quais variáveis organizam os dados quantitativos apresentados no texto?

Sobre a compreensão de Brasília

14. Quais Regiões Administrativas são mencionadas no texto?

15. A partir de qual perspectiva teórica o autor pensa a cidade?

16. Quais as principais referências teóricas empregadas no texto?

17. Quem é ouvido na compreensão dos sentidos sobre Brasília?

18. Quais os principais eixos de análise do autor a respeito do espaço urbano de Brasília?

19. O autor prioriza uma abordagem histórica ou contemporânea na compreensão do espaço urbano de Brasília?
